



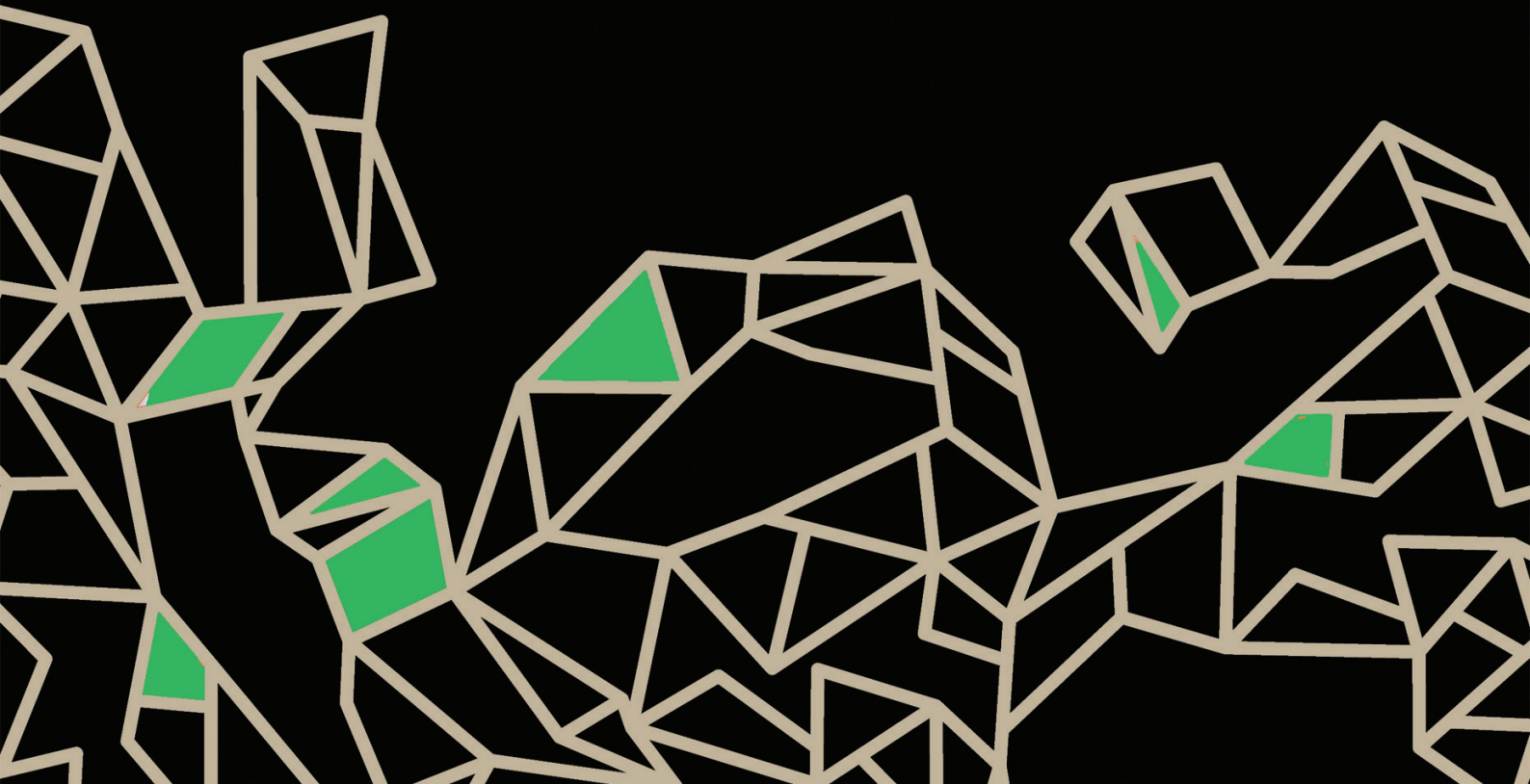
sala preta
ppgac

DOI:10.11606/issn.2238-3867.v17i2p6-10

Apresentação do dossiê

Histórias, memórias e
acervos teatrais no Brasil

Fabiana Siqueira Fontana
Paulo Marcos Cardoso
Maciel



O dossiê *Histórias, memórias e acervos teatrais no Brasil* tem por objetivo apresentar e discutir as diferentes visões e formas de tratamento de acervos e documentos teatrais, assim como sua importância para as escritas sobre o teatro brasileiro, cuja história se fez e se faz com base na pesquisa destes documentos. Independente das diferenças de aportes teóricos e metodológicos, procurou-se sempre estabelecer narrativas (do teatro que se quer brasileiro) a partir de indícios documentais e de provas materiais, a fim de identificar momentos específicos de sua trajetória, bem como traços identitários de sua particularidade ou singularidade. Mesmo assim, nem sempre o trabalho delicado e meticuloso que envolve a pesquisa e a crítica às fontes e/ou a preservação do patrimônio documental do teatro é valorizado ou problematizado no contexto nacional.

É para examinar esse campo de pesquisa que o dossiê reuniu as contribuições de distintos estudiosos voltados à questão dos usos e da guarda dos documentos, das relações entre acervo e memória, na perspectiva da historiografia e da história do teatro brasileiro. O que se pretende com este dossiê é debater as próprias noções de fonte, objeto e abordagem diante das modificações operadas quanto às concepções de história, teatro e teatro brasileiro; importa também refletir sobre os constantes desafios que cercam a preservação dos indícios teatrais no Brasil, quanto à coleta de materiais, o registro das práticas e à difusão dos acervos.

Dessa forma, os artigos que compõem o dossiê dedicam-se, portanto, a discutir os documentos em duas perspectivas diferentes, sendo que no entrelaçamento destas dimensões está a própria relação entre memória e história, expressa já tão bem por Jacques Le Goff (2003) ou mesmo por Marc Bloch (2001). Trata-se de abordagens que ora problematizam o documento como fonte de pesquisa, ora como elemento constituinte do patrimônio material do teatro.

Os autores, em tons diferenciados, decorrentes da proximidade que têm com o tema, o estágio de pesquisa, ou o envolvimento com aquilo que muitas vezes se aproxima de uma missão – como a dedicação à salvaguarda dos arquivos e coleções que formam os acervos teatrais –, mostram o quanto são complexas as questões que surgem no envolvimento do pesquisador com a memória e a história do teatro, no que diz respeito a delimitação dos próprios

objetos de estudo e das práticas de análise dos registros eleitos ou conservados como fonte. O dossiê então é formado por uma pluralidade não só de assuntos, mas de formas discursivas; nele há relatos, defesas, revisões, manifestos, indagações, e mesmo indignações, que expõem a própria artesanaria da narrativa histórica e os desafios enfrentados na preservação da memória do teatro. Neste sentido, os artigos não orientam ou buscam conclusões, mas expõem o estado atual das questões que são constitutivas da área ou campo de investigação; estas mostram inclusive a urgência em se discutir os conceitos de documento, teatro e história que encaminham ou embasam as análises voltadas à discussão dos lugares e significados dos acervos públicos e particulares para o conhecimento do Brasil.

Enumerar aqui algumas destas questões é compor uma teia para aqueles que se encorajarem a percorrer os textos em vista da totalidade que o forma. Não se trata de estabelecer um roteiro de leitura que oriente a aproximação com o universo trabalhado; é apenas dar nota de um âmbito de estudo e debate, que se não novo, ainda um tanto quanto não completamente estabelecido no seio dos estudos teatrais.

Os textos chegam ao teatro brasileiro e à sua história por caminhos e acervos distintos. Dentre outros percursos escolhidos pelos autores, alguns vão além do enfoque dominante em torno do par texto/cena, enquanto campo definidor do que interessa ao ensino e ao estudo na área. Neste sentido, e sem forçar a comparação, diríamos que eles convidam a adentrar a marginalia do teatro que, por sua vez, permite ampliar o seu território e o das questões que lhes são pertinentes. Para tanto, os estudos deslocam o ponto de vista para a margem, o fora, o exterior do campo teatral privilegiado pelas análises de processos criativos e da interpretação dos textos. Entretanto, esse outro lugar de investigação, segundo as distintas perspectivas aqui reunidas, nos mostra como outros agentes e domínios atravessam e interferem nas escolhas que presidem os processos e as interpretações e, dessa maneira, salientam a complexidade e a dinâmica das escritas da história do teatro.

Por outro lado, eles apontam ainda para um campo interdisciplinar que, para além da própria História como disciplina, se inserem seus ramos dedicados especialmente aos livros e à imprensa, por exemplo. Também se faz presente em meio às discussões propostas pelos autores aproximações com

demais áreas do conhecimento, como a da comunicação social, e aquelas que se englobam na denominada ciência da informação, a saber, a biblioteconomia e a arquivologia.

Sendo assim, nos perguntamos diante do surgimento de outros objetos, problemas e abordagens, que documentos podem ser considerados, nesse terreno mais amplo, fontes de informação e de estudo para a história do teatro? Anúncios de jornal, crítica periódica, programas etc.; e mesmo quando se trata de documentação já comumente utilizada, esta assume contorno renovado a partir dos diferentes métodos de pesquisa e estudo adotados, que assim contribuem para uma visão expandida da atividade teatral ao incorporar fatores e elementos “não estéticos” que constituem também o território da historiografia teatral.

Alguns dos textos problematizam o próprio conceito de “teatro brasileiro”, vinculado apenas à produção considerada nacional e, por sua vez, às suas fronteiras tradicionais que costumam orientar as análises a respeito do assunto. Além disso é preciso ainda investigar outros suportes no arquivamento e no registro documental-teatral, como a formação de plataformas digitais convertidas em museus, bibliotecas, arquivos cuja existência nos colocam mais questões relativas às formas de guarda, à natureza da documentação, à confiabilidade dos dados, entre outras, bem como os diferentes usos dos acervos ou arquivos feitos pelo teatro, observando-se de que maneira dialogam com a historiografia.

Quanto ainda à indagação acerca da natureza documental, emergem questões sobre os contextos que se formam os acervos teatrais, a identidade e funções artísticas dos produtores dos conjuntos que compõem este material e o papel dos herdeiros dos mesmos na transferência dos documentos legados para o âmbito público, em que então os registros de fato têm (ou deveriam ter) o acesso garantido.

Quanto à responsabilidade pela preservação dos documentos que depois virão a se tornar fontes para a escrita da história do nosso teatro, deriva dela uma importante provocação; importante justamente pelo ambiente institucional no qual se encontra publicado este dossiê: que função a universidade e seus integrantes têm na salvaguarda e na difusão dos acervos de teatro, no contexto nacional? Aqui consiste discutir o empenho da comunidade

acadêmica, de forma mais contundente, no debate não só sobre o uso, mas inclusive sobre a proteção dos registros das práticas teatrais de outrora, a partir da constituição de centros de documentação, redes de cooperação interinstitucionais, e grupos de pesquisa dedicados ao tema.

Não se pode dizer que a ligação dos pesquisadores com a preservação do patrimônio documental do teatro brasileiro e a sua conexão com a escrita de suas histórias seja novidade. Chamar atenção, neste momento, para o tema é continuar um combate do qual já fizeram parte importantes nomes da nossa historiografia teatral. Impossível seria lembrá-los em sua totalidade na apresentação deste dossiê; sendo assim, referenciamos a Maria Thereza Vargas, não apenas, mas principalmente por sua experiência junto ao antigo Idart. A menção à pesquisadora, além de justa, parece ser propícia como homenagem a todo este grupo de pessoas que não conseguiríamos saudar de forma individualizada.

Por fim, e não menos importante, agradecemos aos colaboradores deste dossiê, que com entusiasmo e empenho participaram de sua composição na escrita de seus artigos. É também preciso mencionar a gratidão ao espaço oferecido pela *Sala Preta* para a reunião de artigos de tema se não tão popular como os explorados, de imprescindível visibilidade.

Referências bibliográficas

BLOCH, M. **Apologia da história, ou, o ofício do historiador**. Tradução André Telles. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

LE GOFF, J. **História e memória**. Tradução Bernardo Leitão et al. 5. ed. Campinas: Editora da Unicamp, 2003.